

Emmanuel age como um pai procede com o filho, sabendo que este terá de andar sozinho, viver a sua própria vida, ser independente e conquistar o seu espaço no mundo.

Voltando ao livro de Clóvis Ramos, verificamos ali, à página 87, que Francisco Thiesen, ciente de todo o complexo mecanismo da mediunidade, enfatiza:

"Emmanuel ia comandando a formação do livro. Até à 5ª edição ele teve aumentado seu número de poesias (...) com a 6ª edição, revista e ampliada pelos Autores Espirituais, o "Parnaso de Além-Túmulo" ficou acrescido de característico incomum, único no gênero pelo seu vulto inusitado: não apenas o da ampliação, agora definitiva na parte mediúnica da obra, mas o da revisão pelos Espíritos!"

O "característico" realçado pelo Presidente da Casa de Ismael é realmente interessante e digno de maiores reflexões.

Chico psicografa as poesias geralmente em reuniões públicas, de modo muito rápido, e logo em seguida as páginas são lidas em voz alta por ele. Não há praticamente tempo para uma revisão por parte do autor e do médium. Esse trabalho ocorre continuamente, dia após dia. Embora todo o cuidado, é natural que ocorram pequenas falhas no mecanismo que acabamos de descrever.

Quando o "Parnaso" começou a passar por uma revisão mais detalhada, foi necessário a Chico Xavier entrar, de novo, em sintonia com todos os autores das poesias, o que demandou vários anos. Aí é que começou o trabalho notável de revisão. Pode-se imaginar, pelo menos de modo superficial, o que esse trabalho deve ter representado, em termos de minúcias e paciente esforço de ambas as partes.

Cansaço, não desânimo. — Acerca de «F. Xavier»

3 — 10 — 1955

"(...) Muito me conforta a informação de que foste visitado pessoalmente pelo Clóvis Tavares.

"(...) Atualmente, por vezes, sinto que o cansaço me atinge. Não é o desânimo. É uma aflição que não sei precisar bem se é do corpo para a alma ou da alma para o corpo."

Chico menciona Clóvis Tavares, seu amigo e autor do livro "Trinta Anos com Chico Xavier".

Em seguida fala do cansaço que vem sentindo. Esclarece que não é o desânimo. Mas não tem certeza se é resultado do corpo que está combalido, desgastado, ou se é algo mais profundo, como se a alma estivesse abatida pelas lutas, abatimento que então se refletiria no corpo físico. É um instante de desabafo em que o médium revela a aflição que o atinge.

"(...) Aquele soneto cuja cópia me enviaste (lembro-me bem) é do Anthero de Quental. É da coleção que o José, meu irmão, distribuiu por várias publicações, co-

locando "F. Xavier", no intuito de estimular-me ao "futuro literário", como dizia ele. Escrupulosamente, registrava as produções que eu ouvia ou escrevia quase que automaticamente, sem pôr os nomes dos verdadeiros autores, que só se evidenciaram plenamente aos meus sentidos de 1931 para cá, quando então as minhas dúvidas, para minha felicidade, começaram a se extinguir para sempre. Nesse sentido, há todo um livro de versos para crianças, intitulado "Lições para Angelita", que ouvi de João de Deus e que o José enviou à "Aurora", de Ignácio Bittencourt, com o nome "F. Xavier". Foi publicado em números sucessivos, não sei bem se em 1928-1929 ou 1930. Desse livro que, no tempo, me pareceu interessante, não mais vi a cópia. Será que a gente poderia obter isso, isto é, os números de "Aurora", na Biblioteca da FEB? Estimaria rever o mencionado trabalho que, em 1931, fiquei sabendo ser de João de Deus. (...)

Nas coleções de "Aurora", de 1928 a 1932, há numerosos trabalhos do Espírito de João de Deus, cuja autoria somente pude reconhecer, mediunicamente, em 1931. Não conseguiríamos as coleções dos anos referidos para que eu pudesse fazer um reestudo e minuciosa vistoria? (...)

Explicações de grande interesse, prestadas por Chico Xavier, a respeito da fase inicial do seu trabalho mediúnico.

Por ter publicado alguns trabalhos com a assinatura de F. Xavier, algumas pessoas acusaram Chico Xavier de pastichador quando ele passou a colocar nos trabalhos subsequentes a assinatura de seus verdadeiros autores.

Esse período inicial foi marcado por muitas dúvidas. Chico, conforme ele mesmo narra em entrevista ao Dr. Elias Barbosa ("No Mundo de Chico Xavier", cap. 1, IDE), desde a sua adolescência ouvia e via pessoas invisíveis que lhe falavam sobre vários assuntos. Ingenuamente, o

menino Chico conta o fato à professora, que lhe afirma não estar ele vendo ninguém e a voz que ouvia era dele mesmo, uma voz interior. Condicionado durante anos a essas explicações forçadas, é muito natural que o moço Chico Xavier, entrando nos 20 anos de existência, alimentasse dúvidas e hesitações nesse intercâmbio espiritual.

Recebia versos, mas não colocava os nomes dos autores, por um escrúpulo muito compreensível.

É então que José Cândido Xavier, irmão de Chico, toma a iniciativa de publicar essas páginas.

Eis a narrativa que o próprio Chico faz sobre o episódio:

"— Meu irmão José Cândido Xavier e alguns amigos de Pedro Leopoldo, como, por exemplo, Ataliba Ribeiro Viana, achavam que as páginas deviam ser publicadas com meu nome, já que não traziam assinatura e essas publicações começaram no jornal espírita "Aurora", do Rio de Janeiro, que era dirigido, nessa época, pelo nosso confrade Ignácio Bittencourt, a quem Ataliba escreveu perguntando se havia algum inconveniente em lançar as citadas páginas com meu nome. Ignácio Bittencourt respondeu que não via inconveniente algum, desde que as produções citadas escritas por minhas mãos não trouxessem assinatura. Ninguém poderia afirmar se eram minhas ou não e que ele as publicaria, não por meu nome, mas pelas idéias espíritas que elas continham. Aí começaram nossos amigos de Pedro Leopoldo a enviar essas produções para diversos setores, obedecendo ao entusiasmo pelos trabalhos nascentes da Doutrina Espírita, em nossa terra."

Algumas publicações não espíritas também divulgaram esses trabalhos, entre 1927 e 1931: "Jornal das Moças", do Rio; "Almanaque de Lembranças", de Portugal, e o suplemento literário de "O Jornal".

Ainda em resposta ao Dr. Elias Barbosa, Chico diz que por orientação de Emmanuel não cogita de publicar

as páginas desse período por considerá-las apenas de experimentação.

Foram elas, portanto, as primeiras produções mediúnicas de Chico Xavier e constituíam o que se denomina de treinos psicográficos.

Em um desses "treinos", Chico recebe a visita do luminoso Espírito Auta de Souza, que escreve o belíssimo soneto "Senhora da Amargura", para a felicidade geral estampado no livro "Auta de Souza" (IDE). Parece ser esse soneto a única dessas páginas publicada pela imprensa espírita atual.

Eis como Chico narra o caso, em resposta à pergunta do Dr. Elias Barbosa:

— Recorda, de modo particular, alguma produção que ficasse inesquecível em sua memória?

— Sim, recordo-me de um soneto intitulado "Senhora da Amargura", que, se não me engano quanto à data, foi publicado pelo Almanaque de Lembranças, de Lisboa, na sua edição de 1931. Eu estava em oração, certa noite, quando se aproximou de mim o Espírito de uma jovem, irradiando intensa luz. Pedeu papel e lápis e escreveu o soneto a que me referi. Chorou tanto ao escrevê-lo que eu também comecei a chorar de emoção, sem saber, naqueles momentos, se meus olhos eram os dela ou se os olhos dela eram os meus. Mais tarde, soube, por nosso caro Emmanuel, que se tratava de Auta de Souza, a admirável poetisa do Rio Grande do Norte, desencarnada em 1900. O soneto foi enviado a Portugal por meu irmão José, em meu nome, tendo sido a página publicada e tendo eu recebido de Lisboa uma carta de um dos colaboradores da formação do citado Almanaque, com muitos elogios ao trabalho que não me pertencia."

Uma outra pergunta do Dr. Elias Barbosa a Chico Xavier elucida a questão da dúvida.

— Como passou a sua mediunidade psicográfica dessa fase de indecisão para a segurança precisa?

— Isso aconteceu em 1931, quando o Espírito de Emmanuel assumiu o comando de minhas modestas faculdades. Desde aí, tudo ficou mais claro, mais firme. Ele apareceu em minha vida mediúnica assim como alguém que viesse completar a minha visão real da vida. Tenho a idéia de que até a chegada de Emmanuel, minha tarefa mediúnica era semelhante a uma cerâmica em fase de experiências, sem um técnico eficiente na direção. Depois dele, veio a orientação precisa, com o discernimento e a segurança de que eu necessitava e de que, aliás, todos nós precisávamos em Pedro Leopoldo."

A questão da dúvida é muito natural no início da mediunidade. Entretanto, muitos médiuns abandonam a tarefa exatamente por alimentarem constantes hesitações.

Somente o estudo, aliado depois à prática consciente e perseverante, dará ao médium condições de superar esse primeiro estágio da mediunidade.

A dúvida, achamos nós, sob certos aspectos, é inclusive bastante saudável, pois se o médium afoitamente aceitasse, sem quaisquer hesitações, tudo o que recebe, estaria abrindo campo para uma possível fascinação.

A indecisão é normal e representa o escrúpulo do médium, que, cauteloso, examina as suas primeiras produções mediúnicas. Com o tempo as dúvidas devem ser vencidas para não se tornarem prejudiciais, o que não significa, porém, que o médium deixe de analisar as comunicações que recebe. A análise deve ser feita sempre e os próprios Espíritos a aconselham.